

ABORDAGENS FEITAS PELOS LIVROS DIDÁTICOS A RESPEITO DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Didimari Santana dos Santos (UESB)

didimarisantana@yahoo.com.br

Rafaela Santtos Jandiroba (UESB)

rjandiroba@gmail.com

Vivian Antonino (UESB)

viviantonino@gmail.com

RESUMO

O presente texto tem por objetivo observar como a diversidade linguística é abordada em livros didáticos de português da 6ª série do ensino fundamental e suscitar uma reflexão sobre os conceitos de “certo” e “errado”. Para tanto, tomamos como *corpus* dois exemplares, o primeiro elaborado por Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, intitulado *Português Linguagens* (4ª edição reformulada, 2006) e o segundo elaborado por Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro (12ª edição reformulada-2006 1ª tiragem- 2007), intitulado *Português: Ideias e Linguagens*, ambos foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2008). Esta pesquisa busca fazer um diálogo entre a sociolinguística e o ensino da língua, e assim tomamos como base teórica, principalmente, os estudos de Marcos Bagno (2001, 2002, 2006). Apesar de os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) convidarem a escola e os professores a apresentar os valores sociais atribuídos a cada variedade linguística, contribuindo, assim, na formação de cidadãos capazes de se exprimir de modo competente tanto oralmente quanto por escrito, a fim de que transformem a sociedade na qual estão inseridos, quando uma criança é inserida no espaço escolar as escolas priorizam a linguagem textual escrita em detrimento da oral. Esta situação é notória, principalmente no ensino da gramática normativa, no qual desconsideram as variações linguísticas, desprezando tudo o que não siga a norma padrão, ou seja, as ditas “formas erradas ou feias”, diferentes das gramaticais que são “certas e bonitas”, como se estas fossem a única forma de manifestar a língua. Nesse sentido, considerando que nos livros observados as variantes não serão estudadas e analisadas dentro do contexto sociolinguístico, sugerimos, ao final, uma proposta de atividade para que essa questão seja mais trabalhada, visando um olhar crítico sobre as possibilidades de produção linguística de acordo ao contexto em que ele seja produzido.

Palavras-chave: Livros didáticos. Gramática normativa. Variação linguística.

1. Introdução

Ao observarmos as diversas manifestações linguísticas no contexto sócio-histórico, constatamos que a língua está em constante mudança. A língua existe e manifesta-se nas modalidades oral ou escrita enquanto há interação social e de acordo com o contexto histórico de cada comuni-

dade linguística. Apesar disso, as escolas encontram dificuldades em trabalhar com a manifestação linguística, desde a chegada do aluno até o estágio em que ele dever ser considerado competente no uso da variedade prestigiada.

Contudo, para a maioria da população brasileira, especialmente para os grupos socioeconômicos mais altos, as formas inovadoras são consideradas “feias”, “erradas”, e ao mesmo tempo julgam-nas como fatores negativos para a sociedade. O fato é que, para estes, a língua é homogênea, desconsideram que a mesma sofre modificações no tempo e no espaço. A relação entre falante e as características externas são refletidas em diferentes comportamentos linguísticos, de acordo as condições pessoais de cada sujeito como: sexo, faixa etária, etnia, nível de escolaridade, nível socioeconômico como também região geográfica, situação interativa etc. Nesse sentido, observamos que a maioria das instituições de educação e aprendizagem ou até mesmo as escolas, em particular, seguem uma forma de ensino, centralizado na gramática, com isso, podem ser considerados geradores e propagadores do mito da homogeneidade linguística, dando continuidade ao preconceito linguístico.

Considerando a língua como principal fator de comunicação entre comunidades linguísticas diferentes, convém ressaltar que o estudo da oralidade pode ser um instrumento para intensificar as discussões das variantes sociolinguísticas dentro do contexto no qual o aluno seja inserido. Sendo assim, resolvemos analisar dois livros didáticos da 6ª série, observando se nos conteúdos estudados e atividades propostas, fazem alguma abordagem sobre as manifestações linguísticas.

Os livros didáticos da 6ª série que escolhemos para comparar e analisar foram: primeiro: *Português Linguagens*, elaborado por Willian Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (4ª edição reformulada, 2006), e o segundo, elaborado por Dileta Delmanto e Maria da Conceição Castro (12ª edição reformulada-2006 1ª tiragem- 2007), intitulado *Português: Ideias e Linguagens*. É digno de nota que ambos foram aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD-2008).

Nossa hipótese é que, nos livros observados, as variantes não serão estudadas e analisadas dentro do contexto sociolinguístico, por esse motivo, sugerimos ao final uma proposta de atividade, para o desenvolvimento da comunicação oral na sala de aula, demonstrando a diversidade linguística. Objetiva-se não só apresentar as variantes linguísticas, mas, também, mostrar aos alunos que diferentes falares não expressam

“erros” ou que uma língua é não “mais bonita” que outra. Assim, essa proposta dará a oportunidade de eles terem um olhar crítico sobre as possibilidades de produção linguística de acordo ao contexto em que essas variantes sejam produzidas.

2. A língua como fenômeno natural

O homem expõe suas ideias através da língua e também, através dela, apresenta aspectos que demonstram sua origem. Nesse sentido, ao observarmos as diversas manifestações linguísticas no contexto sócio-histórico, constatamos que a língua está em constante mudança, ou seja, ela não é uniforme, apresenta inúmeras variações e muda tanto no tempo (historicamente) quanto no espaço (geograficamente).

Contudo, para a maioria da população brasileira, especialmente para, os grupos socioeconômicos mais altos, as formas inovadoras são consideradas “feias”, “erradas” “incorretas”, “impróprias”, e ao mesmo tempo julgam-nas como fatores negativos para a sociedade. Esse fato se dá por acreditarem que a língua é homogênea e deve seguir um padrão linguístico pautado pelo ensino da gramática normativa, ignorando, assim, a diversidade linguística que predomina na sociedade. A variação linguística é um fenômeno natural, ou seja, a mudança é contínua e multifacetada, mas ela não afeta, em nenhum momento, os aspectos estruturais e o potencial semiótico das línguas. Entretanto, nas escolas, existe o ensino preconceituoso de que o conhecimento da gramática é suficiente para ler e escrever bem, quando, na verdade, seria interessante ressaltar o reconhecimento da diversidade linguística e o quanto esse saber é libertador para as classes menos favorecidas. Sobre essa questão, Marcos Bagno (2006) pontua:

O domínio da norma-padrão certamente não é uma fórmula mágica que vai permitir ao falante de PNP [português não padrão] “subir na vida” automaticamente. Mas é uma forma que esse falante de PNP tem de lutar em pé de igualdade, com as mesmas armas, ao lado dos cidadãos das classes privilegiadas, para ter acesso aos bens econômicos, políticos e culturais reservados às elites dominantes. (BAGNO, 2006, p. 33)

Podemos notar que as palavras, como uma das unidades da linguagem, podem ser estudadas em várias modalidades da linguística, sendo assim, segundo Carlos Alberto Faraco (2005, p. 34-35), “qualquer parte da língua pode mudar desde os aspectos da pronúncia até aspectos de sua organização semântica e pragmática”. Tais mudanças não come-

çam ou se encerram com passar do tempo, elas são contínuas, se manifestam nas camadas sociais e nas representações estilísticas. Cada variedade é resultado do que está se passando na sociedade e retrata transformações políticas, econômicas, sociais, culturais, dentre outros fatores externos à língua. Sendo assim, a língua existe e manifesta-se nas modalidades oral ou escrita enquanto há interação social de acordo com o contexto histórico de cada comunidade linguística.

Apesar disso, as escolas encontram dificuldades em trabalhar com a diversidade linguística, desde a chegada do aluno até o estágio em que ele deve ser considerado competente no uso da variedade prestigiada. Trabalhar com conceitos de normas padrão, culta e popular e aplicar essas dimensões ao ensino da língua portuguesa, adequando à compreensão do que seja o padrão linguístico ideal a ser atingido pelo aluno, na sua trajetória, precisa ser considerado tanto na modalidade oral quanto na escrita. Nessa perspectiva, as discussões sociolinguísticas devem ser consideradas dentro do contexto escolar, pois além de permitir aos alunos o conhecimento linguístico, poderá também adequar a metodologia de ensino aos valores que a ciência da linguagem atribui às manifestações linguísticas, a depender do grau de escolaridade das crianças.

A variação linguística deve ser vista como foco de estudos e pesquisas. Por meio do estudo sociolinguístico, é possível compreender e explicar as variações linguísticas existentes em grupos ou comunidades a ser observados. No decorrer do tempo, as línguas sofrem modificações; a relação entre falante e as características externas são refletidas em diferentes comportamentos linguísticos, de acordo as condições pessoais de cada sujeito como: sexo, faixa etária, etnia, nível de escolaridade, nível socioeconômico como também região geográfica, situação interativa, etc. Pode-se considerar que as línguas mudam, no entanto, apresentam aos falantes recursos que possibilitam a sua manifestação sem perder de vista seu caráter sistemático.

Dessa forma, é válido ressaltar que a abordagem da variação linguística é importante na formação do aluno desde o início do ensino da língua portuguesa. Marcos Bagno (2002) pontua a seguinte questão:

Uma das tarefas do ensino de língua na escola seria, então, *discutir os valores sociais atribuídos a cada variante linguística*, enfatizando a carga de discriminação que pesa sobre determinados usos da língua, de modo a conscientizar o aluno de que sua produção linguística, oral ou escrita, estará sempre sujeita a uma avaliação social, positiva ou negativa. (BAGNO, 2002, p. 75)

3. O tratamento da variação linguística nos livros didáticos: uma interpretação sociolinguística

Seguindo essas considerações, neste trabalho pretendemos pontuar algumas partes dos capítulos dos livros didáticos, nos quais observamos como as manifestações linguísticas são abordadas nas atividades. Para tanto, julgamos interessante utilizar os livros destinados aos professores, pois consideraremos também os diálogos, as orientações e as recomendações propostas no final do livro, em relação às abordagens das variações linguísticas na tentativa de alcançarmos os objetivos a que nos propusemos.

Para avaliar os livros didáticos, precisamos adotar a pesquisa descritiva, na qual observamos se nos textos trabalhados existia embasamento teórico sobre variação linguística e como eram feitas as sugestões de atividades. Posteriormente, iniciamos com uma leitura prévia do livro, fazendo algumas anotações das questões pertinentes à nossa pesquisa. Nesse sentido, seguindo as observações pontuadas, consideramos que deveriam constar neste texto apenas aquelas que mais se aproximassem do nosso objetivo.

Ao analisarmos o primeiro exemplar (LP1), notamos logo inicialmente a chamada que as autoras fazem na apresentação, na qual descreve a seguinte observação:

Você já parou para pensar no porquê de aulas de língua portuguesa para falantes nativos desse idioma?..." Logo abaixo, traz a seguinte finalização: "... Desejamos ainda que você descubra o prazer de *ler* e a satisfação de conseguir *expressar por escrito* o que *sente e pensa*..." [Grifos nossos]

Nota-se que, apesar da intenção em sugerir atividades para o aperfeiçoamento da linguagem dos estudantes em relação ao mundo no qual irão interagir, existe uma preferência de ensino na língua escrita seguindo a norma padrão, mesmo diante das diversas manifestações linguísticas que predominam na sociedade.

Nessa perspectiva, observamos que os capítulos são divididos em dez unidades, nas quais são apresentados alguns tópicos referentes a produções orais, intitulados: *Comunicando-se oralmente*; *Leitura dramatizada*; *Produções de texto oral*; *Discussão em grupo*; *Resumo oral*. Entretanto, não existe nenhuma abordagem específica sobre as variações linguísticas, que possa apresentar aos estudantes as diversas modalidades da língua, inclusive as formas de se comunicar em diferentes espaços, já que nas atividades percebemos que as variantes poderiam ser estudadas.

Já o segundo exemplar (LP2) está dividido em quatro unidades que, por sua vez, são subdivididas em três capítulos cada. Quase todos os capítulos possuem um tópico denominado “Trocando ideias”, que são basicamente destinados a discussões orais. Além disso, em diversas propostas de atividades, é orientado ao professor que os alunos poderão responder as questões oralmente, ou até mesmo, em alguns casos, sugere que o professor abra espaço para discussões orais sobre o assunto.

No capítulo três da terceira unidade deste livro, é proposto um “debate deliberativo”, no qual os alunos são convidados a debaterem sobre o tema estudado no decorrer deste capítulo (“Como combater o *bullying* na escola?”). Para a realização deste debate, percebemos que as autoras trazem características que expressam a utilização da língua formal, pois os alunos são orientados a fazer um planejamento e organizar por escrito os próprios discursos, conhecerem quem são o público alvo previamente para que a linguagem utilizada no discurso seja adequada aos ouvintes, e dão dicas de “Como sair-se bem no debate” (p. 160).

Observando o item “*Comunicando-se Oralmente*” (LP1) do capítulo 1 (p. 14), por exemplo, solicita que os alunos contem uma história de cavalaria, apresentam instruções e indicações de temas, no entanto, não existe nenhum contexto histórico que explique essa modalidade de narrativa, o que ocasiona na atividade um processo de mecanização, no qual os alunos simplesmente seguem as orientações sugeridas pelo professor. Na unidade 5, após o tópico “*Estudo da Língua*”, sendo essa a parte que trata de questões gramaticais; o livro apresenta uma sugestão de atividade (p. 125) que traz como exemplo a fala informal, explorada na charge (*O Estado de Minas*, 2000). Nas respostas observamos que existe apenas uma correção, demonstrando que no lugar do termo “a gente” deveria estar de acordo à norma padrão, ou seja, o pronome pessoal “nós”. Essa expressão “a gente” na verdade é uma variante utilizada, geralmente, em conversas informais. Essa afirmativa acontece por um motivo, qual seria esse?

Em uma das questões, explica-se que o termo “a gente” foi bem utilizado, pois na charge ocorre um diálogo coloquial. Todavia, consideramos que poderia haver uma discussão teórica, na qual destacasse que, devido à comum alternância dos termos em destaque, Evanildo Bechara, Carlos Henrique da Rocha Lima, dentre outros gramáticos têm a intenção de incluir o termo “a gente” no quadro dos pronomes da GT. Como também as autoras Dinah Maria Isensee Callou e Yonne Leite (2002, p. 53 e 54) embasadas em pesquisas que fizeram das capitais, Porto Alegre, Sal-

vador, São Paulo, Recife e Rio de Janeiro, pontuam que “No português do Brasil a distribuição de uso do 'a gente' e 'nós' é mais ou menos equilibrada: 56% e 44%.”

É bom lembrar que para um falante do português não padrão (PNP) saber que existem diferentes modalidades da língua servirá de ferramenta para a luta da desigualdade que predomina na sociedade. Assim, além de propiciar um esclarecimento ao aluno sobre essas variações, eles compreenderão que perceber as mudanças linguísticas dentro de um contexto é importante tanto para o estudo sociolinguístico como também para seu próprio conhecimento. Sobre essa questão Marcos Bagno (2006) destaca:

O domínio da norma-padrão certamente não é uma fórmula mágica que vai permitir ao falante de PNP “subir na vida” automaticamente. Mas é uma forma que esse falante de PNP tem de lutar em pé de igualdade, com as mesmas armas, ao lado dos cidadãos das classes privilegiadas, para ter acesso aos bens econômicos, políticos e culturais reservados às elites dominantes. (BAGNO, 2006, p. 33)

Estas propostas de atividades são recorrentes em todo o livro, embora exista a oportunidade dos alunos se expressarem oralmente, não há uma base teórica para inserir os questionamentos das variações linguísticas. Na modalidade linguística existem variantes sociais que colaboram para conscientizar o aluno de que a língua é heterogênea e está em constante mudança. Por exemplo, nas variantes linguísticas: *diacrônica*, *diatópica*, *diafásica* e *diatrática*, é interessante explicar que as variantes *diacrônicas* são aquelas que variam com o tempo, as *diatópicas* são as que variam de acordo com a localidade, já as *diafásicas* conforme as situações mais formais ou informais, por fim, *diatráticas* são aquelas ocorridas em diferentes camadas sociais, utilizando jargões ou gírias.

Defendemos que, como professores de língua portuguesa, devemos apresentar aos alunos os diferentes modos de utilização da linguagem de acordo com a situação sócio comunicativa. Quando uma criança é inserida no espaço escolar, uma das prioridades no início da aprendizagem é justamente a de aprender a ler e escrever, entretanto as escolas priorizam a linguagem verbal e dão mais valor à escrita do que à oralidade. Esta situação é notória, principalmente no ensino da gramática normativa, no qual desconsideram as variações linguísticas, desprezando tudo o que não siga a norma padrão (NP), ou seja, as ditas “formas erradas ou feias”, diferentes das gramaticais que são “certas e bonitas”, como se estas fossem a única forma de manifestar a língua.

No momento em que se estabelece uma norma-padrão, ela ganha tanta importância e tanto prestígio social que todas as demais variedades são consideradas “impróprias”, “inadequadas”, “feias”, “erradas”, “deficientes”, “pobres”... E esta norma-padrão passa a ser designada com o nome da língua, como se ela fosse a única representante legítima e legal dos falantes desta língua (BAGNO, 2006, p. 24)

Nesse sentido, as instituições de ensino e aprendizagem ou até mesmo as escolas, em particular, que seguem esta forma de ensino, centralizado na gramática, podem ser considerados geradores e propagadores do mito da homogeneidade linguística, dando continuidade ao preconceito linguístico. Os *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998) discutem com muita objetividade essa questão, convidam a escola e os professores a apresentar os valores sociais atribuídos a cada variedade linguística, contribuindo, assim, na formação de cidadãos capazes de se exprimir de modo competente tanto oralmente quanto por escrito, a fim de que transformem a sociedade na qual estão inseridos.

Nessa perspectiva, língua é um sistema de signos específico, histórico e social, que possibilita a homens e mulheres significar o mundo e a sociedade. Aprender a língua é aprender não somente palavras e saber combiná-las em expressões complexas, mas apreender pragmaticamente seus significados culturais e, com eles, os modos pelos quais as pessoas entendem e interpretam a realidade e a si mesmas. (BRASIL, 1998, p. 20)

Dessa forma, o estudante conseguirá perceber as múltiplas manifestações da língua. Sobre essa questão Marcos Bagno (2002, p. 70) destaca: “[...] cabe também ao professor de língua, apresentar os valores sociais atribuídos a cada variedade linguística. Como cada um de nós sabe muito bem, a língua é frequentemente usada na prática da discriminação, da exclusão social”. O aluno precisa compreender que existe uma norma culta que é utilizada, normalmente, pelos falantes de nível superior, uma norma padrão que ainda se encontra inalcançável, ou ainda que exista uma norma popular, que traz valores sócio-históricos dentro de determinada comunidade linguística, mas muitas vezes é discriminada como “errada”, “feia”. Por isso, é relevante trazer a diversidade linguística para o contexto escolar, pois, os estudantes conseguirão se adequar aos valores linguísticos atribuídos dentro da sociedade com menos preconceito.

4. Da teoria à prática: desenvolvendo a diversidade linguística em sala de aula

Os PCN sugerem como metodologia para o trabalho do ensino de língua portuguesa, atividades que envolvam o uso da língua, como pro-

dução e compreensão de textos orais e escritos em diferentes gêneros discursivos/textuais, seguidas de atividades de reflexão sobre a língua e a linguagem a fim de aperfeiçoar as possibilidades de uso. O fato é que quando o aluno ingressa na escola, já dispõe de uma competência linguística capaz de se comunicar e interagir em situações que envolvam tanto as relações sociais do seu dia-a-dia, quanto as que envolvam a vida escolar.

Entretanto, o diálogo em sala de aula não seria suficiente para informar as modalidades existentes dentro da língua, mas servirá para capacitar os alunos para a demanda exigida na sociedade. Nesse sentido, qual seria a melhor maneira de inserir atividades que acrescentassem informações linguísticas no quadro de conhecimento do aluno?

Dessa forma, cabe à escola ensinar o aluno a utilizar a linguagem oral no planejamento e realização de apresentações públicas: realização de entrevistas, debates, seminários, apresentações teatrais etc. Trata-se de propor situações didáticas nas quais essas atividades façam sentido de fato, pois é descabido treinar um nível mais formal da fala, tomado como mais apropriado para todas as situações. A aprendizagem de procedimentos apropriados de fala e de escuta, em contextos públicos, dificilmente ocorrerá se a escola não tomar para si a tarefa de promovê-la. (BRASIL, 1998, p. 25)

Nesse segmento, tomando como base os pressupostos teóricos, bem como as análises dos livros didáticos, consideramos produtivo não só pontuar, mas também propor atividades/questões relevantes acerca do assunto tratado. Para isso, faz-se necessário, descrever algumas propostas de atividades, que vinculadas com a teoria, serviriam de informações complementares para a formação linguística dos alunos.

Em relação às coleções analisadas, foi possível perceber que embora os livros trouxessem atividades, nas quais os alunos possam expressar-se oralmente, não há fundamentação teórica que apresente a diversidade linguística que envolve a língua. Essa questão nos permite acrescentar que antes das atividades sugeridas, seria proveitoso ampliar o estudo da variação linguística trazendo para a discussão direcionamentos que tratem da importância dos textos orais como vínculo de interação em diferentes contextos sócio comunicativos. Incluir as discussões das variantes diacrônica, diatópica, diafásica e diastrática, explicaria ao aluno que falar “Beleza mano!”, por exemplo, em uma conversação entre amigos, seria adequado, pois usar gírias em um contexto coloquial pode ser admitido, já em uma palestra oficial, seria inadequado, pois o contexto exige uma fala mais formal.

Em cada estudo teórico, como também diante das atividades que destacassem alguma variante informal, o professor poderia trazer para a discussão o fato das pessoas considerarem as variações como “erros gramaticais” e mostrar que essas mudanças têm uma lógica dentro do contexto sociolinguístico. Não podem ser consideradas como “erros”, “feias”, ou “impróprias”, porque existem fatores que influenciaram na ocorrência das variações linguísticas.

Nessa seção, sugerimos uma orientação de atividade, na qual apresenta a manifestação das variantes linguísticas em diferentes contextos comunicativos. Além desta, o professor pode propor leituras de textos coloquiais, apresentações teatrais, debates, leitura compartilhada, nas quais os alunos pudessem perceber as falas de acordo o contexto linguístico exigido pela situação, assim como perceber as variantes linguísticas que existem no português brasileiro. Entretanto, neste texto optamos por descrever apenas a seguinte proposta:

5. Apresentação teatral

No primeiro momento, o professor irá propor uma apresentação de uma reportagem televisiva, a qual terá o tema “Como falam os brasileiros”. Para iniciar as orientações da atividade, o docente precisa explicar que no Brasil cada região possui diferenças linguísticas, tanto na fala como no vocábulo, ou seja, algumas palavras apresentam pronúncias ou vocabulários diferentes a depender da região, por exemplo, a palavra “mandioca”, em certas regiões, recebe outras nomenclaturas, tais como: macaxeira e aipim. Essas diferenças podem ser nomeadas como *variantes*, as quais servem para identificar a localidade do falante, sendo geograficamente, socialmente, por grau de escolarização, culturalmente, dentre outros fatores a ser observados em uma comunidade linguística.

O objetivo dessa apresentação é evidenciar as variantes linguísticas, neste caso, os alunos irão conhecer, especialmente, as variantes *diatópicas* (localidade), as *diafásicas* (situações mais formais ou informais), e, por fim, as *diastráticas* (socialmente). A turma será dividida em duas equipes e, para tanto, o professor deverá apontar pelo menos duas regiões do Brasil, nas quais os alunos consigam perceber essas três variantes. Tratando-se da fala dos personagens, os alunos verificarão que a língua dos jornalistas e repórteres terão de se adequar ao momento da comunicação, ou seja, quando estiverem anunciando a reportagem para os telespectadores, usarão uma língua formal, seguindo os padrões exigidos pela

comunicação jornalística, já no momento da comunicação entre os falantes entrevistados, a fala deverá se adequar de acordo a situação comunicativa. Enquanto que na língua dos entrevistados (os falantes das regiões), os estudantes deverão perceber que para cada localidade existe uma maneira diferente de falar, toda região tem seu próprio dialeto, no entanto, essas diferenças não impedem a comunicação dos falantes do português.

A primeira equipe pode ficar com o Rio de Janeiro (RJ1), e a segunda com a Bahia (BA2). Tanto aquela quanto esta, ainda que seja no mesmo Estado, poderão ser notados aspectos linguísticos diferentes, a depender da localidade. No Rio de Janeiro, por exemplo, o professor pode pontuar um quadro comparativo, mostrando que nos centros urbanos o falante não se expressa da mesma maneira que o falante da zona periférica. Na Bahia, será a mesma forma. Um falante de Salvador, por exemplo, não utiliza o pronome “tu” em conversas coloquiais como “Tua vai para escola hoje?”, sua preferência é utilizar o “você”, “Você vai para a escola hoje?”. Já em algumas cidades do interior da Bahia, o “tu” é usado com frequência, mas, muitas vezes, em contexto que requer mais intimidade com a pessoa com quem se fala.

É interessante que, antes que esta atividade seja proposta aos alunos, o professor possa recorrer às pesquisas e textos de teóricos que abordam esses assuntos e, dessa forma, se informe e faça uma explicação sobre variações linguísticas, como também sobre a importância do contexto de produção da fala e diferente concepção discursiva. Em seguida, o professor poderá apontar aos alunos os quesitos sobre os quais eles serão avaliados nesta atividade; são questionamentos que os farão refletir sobre as manifestações linguísticas apresentadas por todos os personagens da apresentação. Por exemplo:

- 1) O aluno repórter condicionou sua fala de acordo com a situação comunicativa?;
- 2) O jornalista apresentou uma fala formal e seguiu um roteiro escrito, demonstrando que o meio de produção textual do jornalista foi oral contudo sua concepção discursiva foi escrita?; 3) Os entrevistados condicionaram suas falas de acordo com a sua região ou grau de escolaridade?

Essas pontuações servem para dar um norte ao professor, porém a atividade não precisa, necessariamente, seguir as mesmas questões ou indicação de tema. Podem-se utilizar outras observações de acordo o de-

envolvimento dos alunos, como também ao grau de informação que o docente queira atingir.

6. Considerações finais

Partindo da hipótese de que a língua apresenta um caráter sistemático/heterogêneo e inúmeras variações, observando as dos aspectos sociais, geográficos e da situação comunicativa em que se insere, consideramos que o ensino do português brasileiro precisa refletir sobre a diversidade linguística, como também ter o livro didático como um instrumento importante para o desenvolvimento do ensino da modalidade linguística.

Nesse sentido, com relação às coleções analisadas, observamos que apesar de existir uma preocupação em abordar orientações para a aplicação de atividades referentes à variação linguística, durante o conteúdo não existem bases teóricas que insiram o ensino da variação linguística em diferentes contextos sócios comunicativos.

Assim, afirmamos que na maioria das atividades a língua escrita é priorizada enquanto a língua oral não é contextualizada. Dessa forma, sugerimos ao final uma proposta de atividade, para o desenvolvimento da comunicação oral na sala de aula, demonstrando a diversidade linguística. Teve-se como objetivo não só apresentar as variantes linguísticas, mas, também, mostrar ao aluno que diferentes falares não expressam “erros” ou que uma língua é não “mais bonita” que outra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 15. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa*. São Paulo: Parábola, 2001.

_____; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles. *Língua materna: letramento, variação & ensino*. São Paulo: Parábola, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Ensino da gramática. Opressão? Liberdade?* 3. ed. São Paulo, Ática, 1987.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portu-*

guesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português linguagens*, 6ª série: língua portuguesa. 4. ed. ref. São Paulo: Atual, 2006.

DELMANTO, Dileta; CASTRO, Maria da Conceição. *Ideias & Linguagens*, 6ª série. 12. ed. ref. São Paulo: Saraiva, 2005.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história*. São Paulo: Parábola, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONISIO, Ângela Paiva. *Fala e escrita*. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.